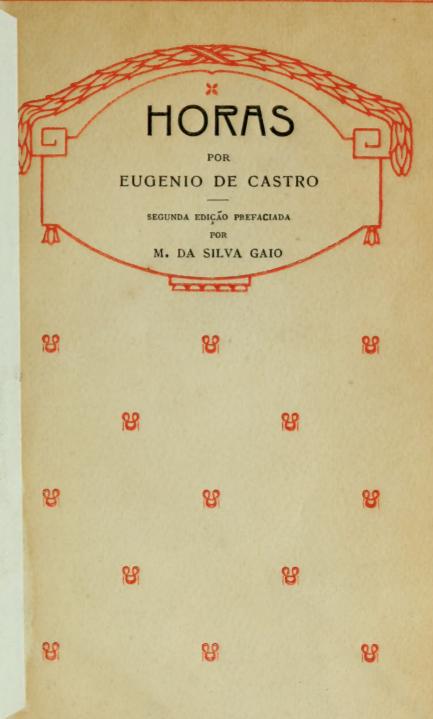
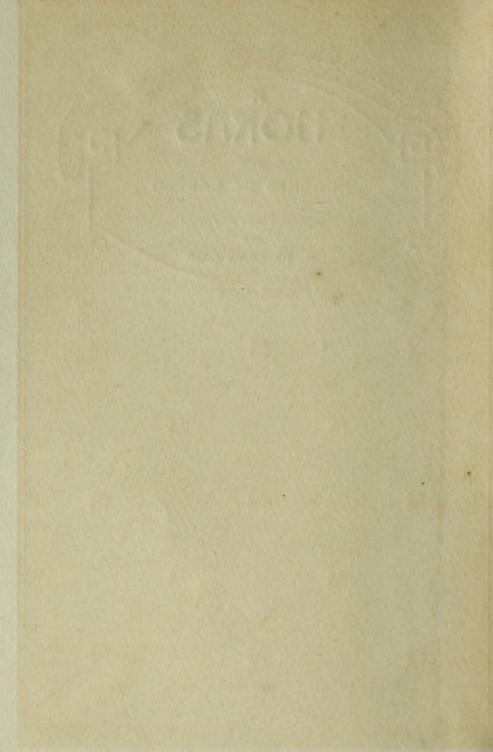
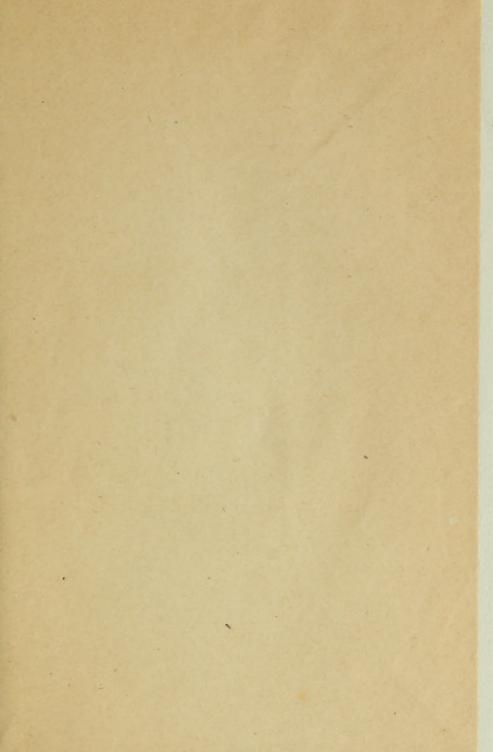
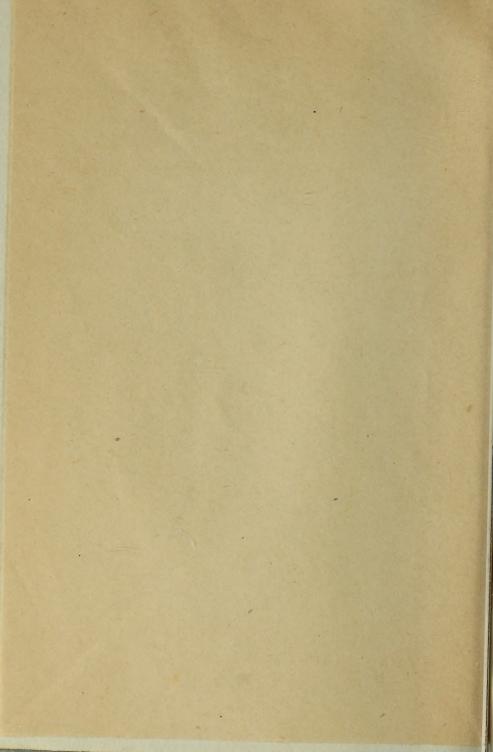
II

ra da cascata clara
ora, sem tara.

, cheia de torpor,
ostas em redor.

Meus chapins descalça-m'os,
cos com cheirosos balsamos.

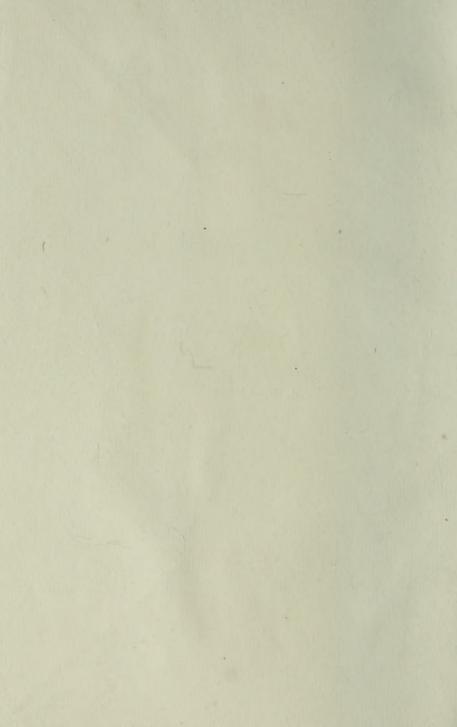
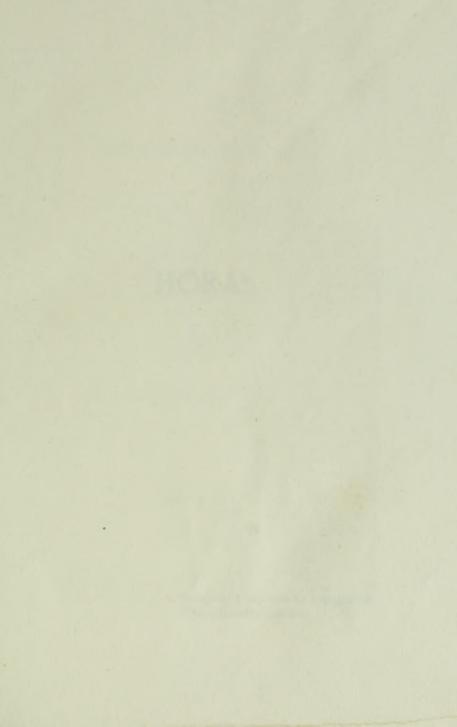
ae, corre á cascata,
meu copo de prata.

HORAS

POR

EUGENIO DE CASTRO

SEGUNDA EDIÇÃO PREFACIADA

POR

M. DA SILVA GAIO

HORAS

Composto e impresso na Typographia
França Amado, Coimbra.

OBRAS DE EUGENIO DE CASTRO

Chrystallisações da Morte, 1884.
Canções d'Abril, 1884.
Jesus de Nazareth, 1885.
Per umbram, 1887.
Horas tristes, 1888.
Oaristos, 1.ª edição, 1890; 2.ª edição, 1900.
Horas, 1.ª edição, 1891; 2.ª edição, 1912.
Silva, 1.ª edição, 1894; 2.ª edição, 1911.
Interlunio, 1.ª edição, 1894; 2.ª edição, 1911.
Belkiss, 1.ª edição, 1894; 2.ª edição, 1910.
Tiresias, 1895.
Sagramor, 1895.
Salomé e outros poemas, 1.ª edição, 1896; 2.ª edição, 1911.
A Nereide de Harlem, 1896.
O Rei Galaor, 1897.
Saudades do Céo, 1899.
Constança, 1900.
Depois da ceifa, 1901.
Poesias escolhidas, 1902.
O melhor retrato de João de Deus, 1906.
A Sombra do Quadrante, 1906.
O Annel de Polycrates, 1907.
A Fonte do Satyro e outros poemas, 1908.
Poesias de Goethe, 1909.
O Filho Prodigo, 1910.
Noticia historica e descriptiva dos principaes objectos de ourivesaria existentes no Thesoiro da Sé de Coimbra (de collaboração com A. A. Gonçalves), 1911.

HORAS

POR

EUGENIO DE CASTRO

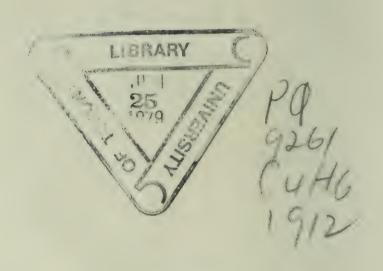
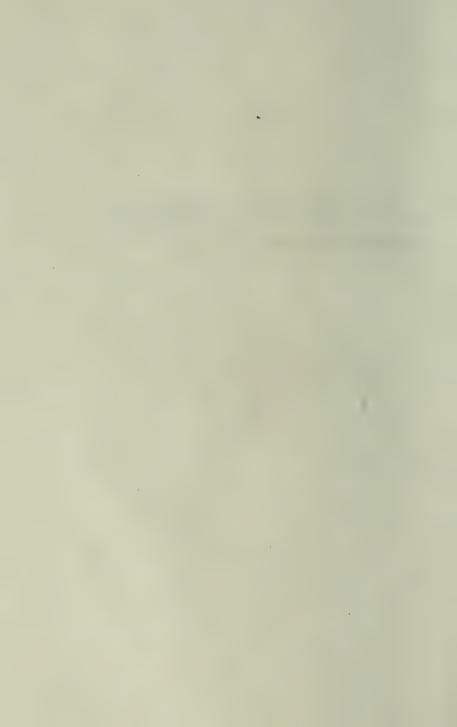
SEGUNDA EDIÇÃO PREFACIADA

POR

M. DA SILVA GAIO

COIMBRA

F. FRANÇA AMADO, EDITOR

1912

D'esta edição fez-se uma tiragem especial de seis exemplares em papel Whatman, numerados e rubricados pelo auctor.

PREFÁCIO

No prefácio das *Poesias Escolhidas* de Eugenio de Castro, publicadas em 1902, tentára eu já caracterizar o seu *simbolismo*. Reconhecendo depois que não lho definira tão completamente como queria, logo me propuz fazê-lo na primeira oportunidade. Encontro-a agora, ao vir prefaciar-lhe a nova edição do segundo dos dois livros em que ficou documentada a sua primeira fase de simbolista.

Assinala-se, o seu *simbolismo*, como notavel exemplo de conciliação entre uma caprichosa fantasia individual, aliada a agudos sentidos de impressionista directo, e uma franca aptidão para a representação da vida em creações de significação genérica, para a transposição da realidade — íntima ou exterior — em valores de gama ideal, para a visão do particular em ampliativas projecções de generalidade.

Concilia realmente os dois mais salientes traços do espirito e da arte deste Poeta : a tendência a

encarnar e a traduzir em figuras e imagens do *universal* humano e físico as suas ideias, sentimentos e impressões, e o segredo de — não se perdendo nelas, transparecendo sempre, como realidade concreta, viva, atravez dessas personificações abstractas — as não sacrificar tambem a si proprio; porque se, com efeito, consegue moldá-las a ponto de lhes converter o significado geral num meio de individual revelação (e nisto consiste, em grande parte, o simbolismo) taes figuras mantêem-se-lhe numa autónoma *objectividade*, subsistem por si mesmas, continuarão a representar — alem de quanto exprimam ou deixem entrever do artista — modos de ver e sentir de ordem impessoal, ilimitada, *humana*.

Isto, consequentemente, fora das enleantes condições do espaço e do tempo — a despeito dum ou doutro propositado detalhe onde o tom local e a nota histórica entrarão afinal mais como subsídio de pitoresco e como elemento de decoração prestigiosa do que como próximo e necessário factor, visto tratar-se de representações e figuras, de aspectos e scenarios as mais das vezes animados e revestidos de pura idealidade, de simplificada vida compreensiva, e portanto desligados e independentes de todas as sólidas restrições geográficas, de todas as miudas particularidades da cronologia.

Tal forma de *simbolismo* — como todas as maneiras de conceber Arte e Poesia — correlaciona-se, porèm, com uma accentuada qualidade ou natureza

de imaginação, deriva dela; e, assim, será pela segunda que teremos de explicar o primeiro.

Ora, quem percôrra as obras de Eugenio de Castro não levará muito tempo a notar-lhe essa natureza de imaginação que tudo efectivamente converte, de preferência, em motivo de Beleza — tomada a palavra como indicando certos *totaes* de invenção, unificadores de dispersos aspectos físicos e humanos pela eliminação das diferenças e resultante integração das semelhanças.

Não tardará em registar que as suas visões se corporisam, na verdade, da harmonia com tal disposição e natureza de representação mental: sob formas e côres e segundo condições de concepção e de realização cuja impressão e efeito de conjunto correspondem aos produzidos por toda essa Arte reductora dos angulos do real em curvas de imagens sínteses, por toda essa Arte de *composição*, plástica ou verbal, recebida na dupla tradição pagã — antiga e *renascente* — (1), já pois identificada

(1) Tradição não oposta, em absoluto, á medieva. É considerar — a par a voga do aristotelismo no mundo filosófico e escolar — a de certas historias e assuntos pagãos assimilados pela literatura europeia dos séculos XIII e XIV; e relembrar a graça *helénica* de varias esculpturas e motivos de decoração arquitéctonica, como os da Catedral de Reims; o *sorriso eginético* de algumas estátuas conhecidas: da Virgem de Amiens, da de Léon, do S. Fernando de Burgos, e já talvez a expressão do S. João do *Pórtico da Gloria* na Catedral de Santiago de Compostela.

com a alma occidental, já tornada para nós a mais legítima medida e aferidor dos valores estéticos.

Não tardará em reconhecer que êle é, manifestamente, acima de tudo creador de Beleza — admitido o termo no sentido de qualquer coisa comparavel á normal, englobante feição de feições dum busto *típico* da Espécie visto como opôsto ao modelado flagrante de *determinada* creatura viva; no sentido de Arte de *estilo* como antagónica com a Arte de *caracter*.

Mas logo reconhecerá tambem que é essa qualidade de imaginação que — por implicar-lhe a visão das coisas em valores de tal categoria de Beleza, isto é pela propria natureza *genérica* das suas concepções — lhe dá aquele poder de as suscitar e contemplar como libertas de si mesmo, como exteriores.

Reconhecerá que a ela deve o Poeta, realmente, a apontada faculdade de *objectivação*, sem prejuizo seu — do *esteta* e do *homem* — transpareciveis a miudo, a cada traço, traídos sempre na sensivel vida duma linguagem literária e artística tão adequada a dotar de consistència plástica e de graça rítmica essas creações genéricas, a dar-lhes e fixar-lhes existencia mítica — devido á intima ligação originária entre toda a forma de concepção e certo modo de exprimir e compôr — como a ferir notas impressivamente pessoaes, e a tocar pontos de particularismo.

Reconhecerá, em suma, alem do mais, que o *simbolismo* explicavel por esta forma de imaginação e seu revelador envolve e implica, mercê de tal poder de *exteriorização* (superior, no nosso Poeta, ao de muitos congéneres) a vantagem de lhe equilibrar a vida interior nessas mesmas representações projectivas dela, visto torná-lo, d'algum modo, de *sujeito* em *objecto ;* a vantagem de lhe evitar, d'aí, o excessivo, mórbido interesse do *eu,* e de lhe atenuar, com o tempo, as intemperanças dum *egotismo* infantil.

E outra feição se lhe apontará ainda, que com este poder prende : o seu classicismo.

Sim. Uma vez reconhecidos todos esses caracteres e aspectos do *simbolismo* de Eugenio de Castro e da sua forma de imaginação, achar-se-ha, por certo, que lhe apliquei com justiça, no Prefacio das *Poesias Escolhidas,* a designação de *classico* — na accepção já então indicada, numa das largas accepções de designação tão ampla e maleavel.

É *clássico,* com efeito, por essa faculdade de *redução ao universal,* que de certa maneira o distingue d'outros espiritos, em cuja psicologia predominam as emoções e ideias ligadas com estados e modos de ser de actual afectividade, revelaveis á custa de directos meios de expressão.

É-o pela Estética correlativa de semelhante faculdade, pela maneira de compreender, inventar e amar a Beleza : vendo e sentindo a existencia mais sob a

espécie de imagens mediatas, de *ideias das coisas,* do que sob a de flagrantes notações do mundo exterior e interior; mas salvando as suas visões e figuras de resultarem meras abstrações suspensas exactamente por lhes poder impôr, devido aos nativos dons de imaginação e forma, a graça viva das creações belas vindas naquella nossa tradição literária e artística, dessas creações onde o extensivo, envolvente significado *humano* de cada uma, sem as prejudicar como expressões do real, parece, ao revesti-las de mais latitudinária intenção, ao erigi-las de *casos* em *conceitos,* dotál-as de maior valor representativo, dar-lhes e espalhar delas maior clarão de verdade.

É-o pelas suas qualidades de gosto, de razão, de ordenada harmonia, até pela preferencia dada ás personagens e figuras nobres e de casta dominadôra, ou de raro prestigio estético : quer nos domínios da pura fantasia, quer nos que podemos chamar *pagãos,* quer nos de doce e penumbrosa inspiração cristã; porque num como nos outros revelará sempre aquela faculdade de ideação geral, e usará dos mesmos processos de realização em Beleza; porque será quando as suas figuras melhor cumpram a missão de *arautos universaes* que melhor proclamarão tambem o modo de ver e sentir do Poeta — tanto mais *simbolisado* nelas quanto tudo concebe e visiona, de preferencia, como imagem *simbólica.*

É *classico, finalmente,* pela efectuada tendencia de objectivação, acima explicada, e de si salutar, isto é — no espirito em que o divino Goethe tomou a palavra quando disse: *chamo clássico o que é são, romântico o que é doentio...*

*

É claro que só depois de lidas todas ou grande parte das obras de Eugenio de Castro se tornará possivel pôr em relevo e definir as dominantes feições mentaes e artísticas do seu *simbolismo.*

Não lograria eu fazê-lo, de certo, com a leitura das *Horas* apenas.

Mas tambem sem ela o não conseguiria inteiramente, pois que este pequeno livro marca ao rubro com os *Oaristos* — rebelado manifesto do Poeta — as suas primeiras afirmações de simbolista. Representa-lhe parte da fase inicial, e constitue, por isso, um documento de valor na série das suas obras. Integra-se nela.

A propósito das *Horas* e dos *Oaristos,* no Prefacio das *Poesias Escolhidas,* atribuia eu a orientação estética e a derivada produção *simbolista* do autor desses livros: á sua fundamental qualidade de *artista,* de espírito sedento do novo, seduzivel pela graça decorativa e pelo estranho duma arte diversa e exótica; á sua tendencia *universalista,* e consequente facilidade na adopção de toda e qualquer

inspiração ou tema cosmopolita ; e á acção directamente exercida nele, tanto a isso dispôsto, pela inovadôra geração francêsa do momento.

Hoje, depois de lhe haver seguido a evolução atravez de toda a obra, já tão consideravel, teria de modificar aquela nota — justa sem duvida em relação ao autor dos *Oaristos* e das *Horas*, mas incompleta em relação ao escritor que dêle se continuou e desenvolveu, que viria a impôr-se (com todo o seu exotismo e estranhos caprichos) mercê de mais larga e cordial concepção da Arte, de mais conciliadôres e generosos processos, sem prejuizo dos seus dons de impressionista vivo e das suas exigencias de Esteta.

Teria de a modificar ainda no ponto relativo á acção sobre êle exercida pelos artistas e poetas francêses, porque se lhe ampliou muito o campo das influencias estranhas ou antes das sugestões a acolher e aproveitar : sendo para citar talvez, entre todas, a da corrente pre-rafaelita, por um lado, pelo outro a do neo-goethismo, sob certos aspectos.

Teria de a modificar sobretudo no tocante á tendência *universalista ;* visto que tal tendência — correlativa duma imaginação capaz de representar a vida em Beleza e implicando a aptidão á visão e creação exterior (quer pela apropriação de dadas imagens e figuras á representação de modos de ver e sentir proprios, quer pelo desdobramento destes em encarnações projectivas dêles) — havia

de vir a fazer desse primitivo *egotista,* cujo *universalismo* só traía, por ventura, mera curiosidade cosmopolita, a par do prurido infantil de a arvorar em lema literário — o espírito equilibrado d'agora, tão notavelmente favorecido com a alteração operada na dosagem relativa do seu *egotismo* e do geral interesse *objectivo* das suas obras, o artista, emfim, a quem se poderia aplicar o termo de *clássico,* segundo a accepção definida.

Nem por isso deixou no entanto aquela nota de corresponder de certo modo á verdade.

Trata-se, como digo, duma diversa dosagem relativa, mas não duma substituição de qualidades, duma radical transformação da personalidade do artista.

No fundo — o Poeta é o mesmo; sómente na posse de mais amplos recursos, com mais larga visão, dominando mais abertos horizontes.

Já d'aqui se infere que não passou de todo o interesse deste pequeno livro, apreciavel sobretudo como documento e indício, afóra alguns detalhes de pura Arte.

Reveste mais do que um simples valor histórico.

Mas, alem da importancia que possam ter tido como revelação de tendencias naturaes do Poeta e de influencias por êle recebidas, as *Horas* tornáram-se e mantêem-se ainda interessantes sob um trìplice ponto de vista: pelas determinantes e condições do seu aparecimento e efeito; pela sua

contribuição para certas inovações da nossa técnica literária; pelos aspectos especiaes que nesta obra revestem aquelas mencionadas tendèncias do autor — artista feito de singularidades suas e exemplar representativo de geraes modos de ver e sentir, vivo reflexo de vários sinaes do tempo.

Devem interessar-nos, as *Horas*, sob aquêle primeiro ponto de vista — como complemento do revoltado gesto dos *Oaristos* — porque nos reavivam o caso, repetido mas curioso sempre, do artista môço que, seduzido pela flôr de novidade duma advinda teoria e forma d'Arte, obedece ao natural impulso de a propagar e que, envaidecido da sua missão de porta-lábaro, lança mão de tudo para desempenhar tal missão, sublinhando a vermelho cada passagem intencional a fim de a impôr e de se impôr victoriosamente.

Devem interessar-nos porque se, no caso especial deste artista (á parte a graça preciosa d'algumas das suas páginas) documentam uma excessiva preocupação de originalidade, que o arrasta por vezes ao grotesco, um intuito fixo de inédito, uma constante premeditação de exibição pessoal — tudo talvez de envolta com maliciosas ideias de réclame — vieram tambem, dadas as condições e qualidades do meio, revelar-nos no autor notavel faro e instinto dos recursos a unir para triunfar em tal meio, a clara consciencia de que só a foguetes de estravagancia, a golpes de imprevisto irritante, ou mesmo a passes de mistifi-

cação lograria despertar a dormente indiferença e prender a atenção inconstante de gente tão capaz de continuar surda e cega ás coisas belas, como de embasbacar — rindo, embora, ou embaçando — perante os caprichos pirotécnicos de todo o fantasista habil, em qualquer campo.

Devem interessar-nos, assim, porque, explicando-nos em parte o facto d'o Poeta ter *vencido* e podido proseguir numa gloriosa marcha, firmada a obras de crescente beleza e encanto, vieram implicitamente accentuar-nos um real aspecto da nossa psicologia.

Devem interessar-nos, sob o segundo ponto de vista porque, registando — a par de invenções do Poeta — muito d'aquelas influencias exóticas nele confluídas e dele irradiadas, contribuíram, no campo da nossa técnica literária : para o rejuvenescimento de formas estróficas arcáicas, para a libertação e elastecização da métrica no caminho de mais variados e ricos efeitos — do verso e da frase — para a adaptação, á literatura, de novos elementos decorativos, de novos recursos musicaes e rítmicos, de novas imagens picturaes.

Devem interessar-nos, sob o terceiro ponto de vista, porque resumem e precisam realmente algumas das tendèncias e aspectos do Poeta — entre outros, três, que resaltam logo de outras tantas notas da abertura, dessa sinfonia-programa onde se encontram os fios mestres de todo o livro.

Complicadas decorações de legenda velha mantelando o pudôr dos episodios simples — escreveu o Poeta, repetindo-o adiante, como ilustração ao poemeto *Dona Briolanja*.

E quem, lendo estas palavras, não descobrirá, afinal, atravez delas um dos aspectos e tendencias do espirito do autor — não só do autor dos *Oaristos* e das *Horas*, mas do das obras subsequentes? Não estará nelas afirmado, em grande parte?

Por certo não será indiferente, nem como artista nem como homem, ao que uma acção ou episódio simples envolva de impressivo — de trágico, de emocionante.

Mas exigirá sempre que tal episódio ou acção revistam singular prestígio estético: nas roupagens ou na nudez — quer delicada quer magnífica das figuras — no scenário ou nos accessórios; que, fóra destas condições — e quando ainda se lhe recomendem pelo seu puro valor de motivo dramático — a graça ou nobreza das atitudes e movimentos das personagens, a prosódia e o rítmo de quanto digam e de quanto o Poeta por elas ou delas diga lhe façam desse episódio ou acção uma obra d'Arte.

Poderá uma ou outra vez inventar e produzir em condições diferentes; pois nada ao talento é defêso.

Só, porem, estará no seu verdadeiro terreno quando nêle o artista em tudo se imponha ao homem.

Dado o intuito e natureza das *Horas*, acha-se bem natural que aquele — o artista — se revelasse

aqui em palavras cujo tom e feição nos trazem á ideia *filacteras* de manuscritos góticos e *iluminuras* de evangeliário.

Não seria comtudo dificil provar que esta nota das *Horas,* havendo correspondido e correspondendo a certa modalidade do artista, admite muito mais largo sentido : o da compreensão de qualquer caso da vida como convertivel sempre numa nova forma de Beleza.

Parece-me tambem que as duas linhas onde se encontra a segunda das notas a salientar : *preces dum hereje arrependido, votos castos dum antigo libidinoso, pesadêlos e irreligiosas hesitações dum recente convertido* não reflectiram apenas um geral estado de espírito do momento, uma situação psicológica comum a muitos *requintados da simplicidade,* para quem os domínios do espiritual místico, dos segredos litúrgicos, dos mistérios simbólicos se abriam como refúgio das almas e da Arte ante a complexa brutalidade da existencia real e o brutal realismo da literatura corrente — mas revelavam ainda uma outra natural tendência do Poeta : a tendência á visão e compreensão *antitética* das coisas. É da *antítese,* da oposição entre situações ou modos de ser seus, entre aspectos ou qualidades postas em relêvo que melhores efeitos consegue. Demonstra-lo-hiam diversas passagens do *Sagramor,* e viriam confirmá-lo outras das suas melhores obras, onde a lucta, no fundo, se trava as mais das

vezes entre a Arte e a Vida, e onde o artista — accentue-se — transparece sempre na solução do conflicto, pois sempre a Arte lhe sairá vencedôra, quando mais não seja na forma de o solver.

Leia-se, emfim, esta frase da abertura :

Tal a obra que o Poeta concebeu longe dos bárbaros, cujos inscientes apupos, — al não é de esperar, — não lograrão desvial-o do seu nobre e altivo desdem de nephelibáta.

Desconte-se-lhe tudo quanto contém de envaidecidamente pueril, de impertinentemente desdenhoso, de preciosamente repuxado; arranque-se-lhe o epíteto *nephelibata,* tornado de encomiástico em pejorativo mal o adoptaram e popularizaram; fixem-se-lhe apenas as palavras *longe dos bárbaros,* por ele mesmo sublinhadas.

Verificar-se-ha que ainda aqui o prólogo das *Horas* feriu uma das suas cordas vivas — reflectindo a moral da sua Estética, de então e de hoje, como as duas precedentes reflectiam, uma a sua dominante tendência de artista, a outra a sua natural maneira de ver e pôr em jogo os dados da obra d'Arte.

Pois, admitindo que a Arte por tudo deva interessar-se (salvas sempre as preferências de cada artista) não a considera d'aí territorio a todos aberto, quer para realizarem, quer para apreciarem ou explicarem.

Aceitará que o seja — mas como um largo domínio onde todos poderão caber, a titulo de assunto, e

não como um império onde a todos seja permitido dominar.

Isto, porque os elementos colhidos da vida só se aglutinam e combinam num vivo composto d'Arte mercê precisamente de peculiares qualidades de elaboração creadora, e dum especial poder de concentração, que o artista possue e faltam aos outros; sendo ainda condição indispensavel para o éxito da obra e sua independência em frente de quantos o rodeiem.

A sua simpatia por esta ou por aquela ideia, o seu interesse por este ou por aquele tipo ou figura, a par a predilecção por estes ou por aqueles aspectos de natureza, não envolvem a concessão de que qualquer creatura humana — aproveitavel para *modelo* e *tema* — ou de que qualquer colectividade delas possam intervir na sua vida e na sua obra a sugerir-lhe pontos de vista, a criticar-lhe processos, a discutir-lhe intuitos.

Isso é para os *raros apenas,* para os congéneres, por missão ou identidade d'alma — conhecidos ou desconhecidos; só para aquêles em quem o Poeta por ventura pensa quando cria, embora sempre crie, afinal, pela pura necessidade de crear.

Succederá, sem dúvida, que a *colectividade* se interesse pela obra d'arte em certas condições e sob certos aspectos.

Mas dar-se-ha isto: ou quando ela confunda a Arte e a Vida — no campo dos primitivos e fundamentaes sentimentos humanos; ou quando, episó-

dicamente, uma passagem da obra d'Arte lhe corresponda a uma situação aguda da existencia; ou quando se sirva de formas e expressões artisticas, como de emblemas significativos e de motos, com intenções manifestamente estranhas á Arte, quando desta se sirva como dum *meio* em vista de qualquer *fim* prático, social, politico.

Fora destes três casos, só olhará a Arte como objecto de mero passatempo, e só dela verá e apreciará o que ela apresente de exterior, e, por via de regra, de inferior; ha de preferir, em geral, as complicadas exibições do falso gosto ás linhas sóbrias e certas do verdadeiro, o melodramático ao trágico severo, a sentimentalidade ao sentimento, a eloqùencia facil á revelação profunda.

Ora, no primeiro dos três casos apontados, andará ela fóra do campo da Arte exactamente pela confusão dada, que lhe determinará estados de exultação ou de depressão, quando o efeito próprio da obra artística é sempre a *elevação* da tonalidade psíquica; no segundo caso, a impressão da obra d'Arte será ainda apenas reforçativa da real modalidade d'alma correspondente á situação dada, e, como tal — *mais* e *menos* do que artística; no terceiro caso pode dizer-se que já se não trata d'Arte, e sim da sua exploração ou profanação.

Explicando, portanto, que o nosso artista tenha da Arte tal concepção e sentimento aristocrático — numa larga significação do termo — e reconhecendo

que a terceira nota por mim transcrita da abertura das *Horas* corresponde e corresponderá sempre a uma das suas feições dominantes — deverei agora accentuar os efeitos de semelhante sentimento e concepção.

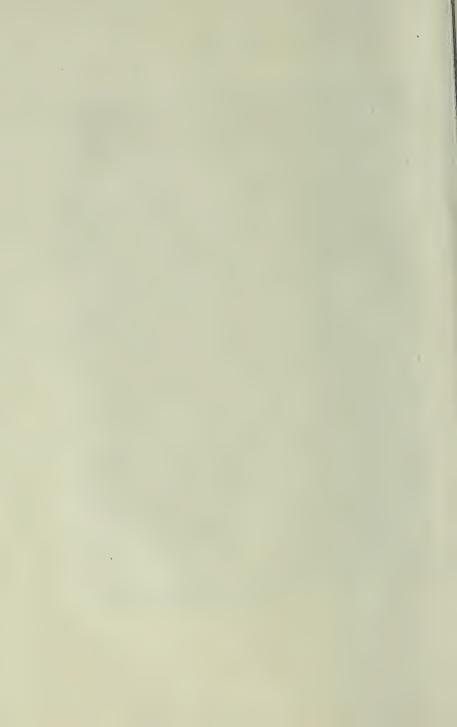
Resultam dêles: para a sua Obra — uma nobre e altiva independencia na ideação e nos processos; para o Poeta — passados, com os verdores da mocidade, os pruridos da estravagancia e os exageros *egotistas* — o inquebrantavel respeito, de salutar exemplo, por todas as formas do Ideal e da Beleza; para o Homem — reflexo, neste, do artista — uma constante aspiração de perfeição pessoal, paralela ás exigencias do Esteta, uma ambição de *elegancia moral* cada dia realizada com maior evidencia, atravez todos os passos da vida.

Tudo isto se colhe do fundo das curtas frases transcritas, dia a dia confirmadas como dísticos proféticos.

Justifica-se, pois, que eu lhes haja desdobrado o conteùdo em tão longos períodos.

E tambem me será por certo relevado que eu tenha aproveitado o ensejo deste prólogo para tentar definir alguns dos principaes aspectos do Poeta, emquanto lhe não consagro o desenvolvido trabalho crítico exigido pela sua obra — já tão vasta como bela.

Coïmbra, 28 de junho de 1912.

MANUEL DA SILVA GAIO.

Silva esoterica para os Raros apenas:

abertas as eclusas, corvetas, como cathedraes fluctuantes, seguindo ineditos itinerarios por atlanticos virgens;

terraço ladrilhado de cipolino e agatha, por onde o SYMBOLO passeia, archiepiscopal, arrastando flammante simarra bordada de Suggestões, que se alastra, oleosa e polychroma, nas lisonjas;

concerto de adequadas musicas implorativas ou morosas, raro estridentes;

complicadas decorações de legenda velha mantelando o pudor dos episodios simples;

preces d'um hereje arrependido, votos castos d'um antigo libidinoso, pesadelos e irreligiosas hesitações d'um recente convertido.

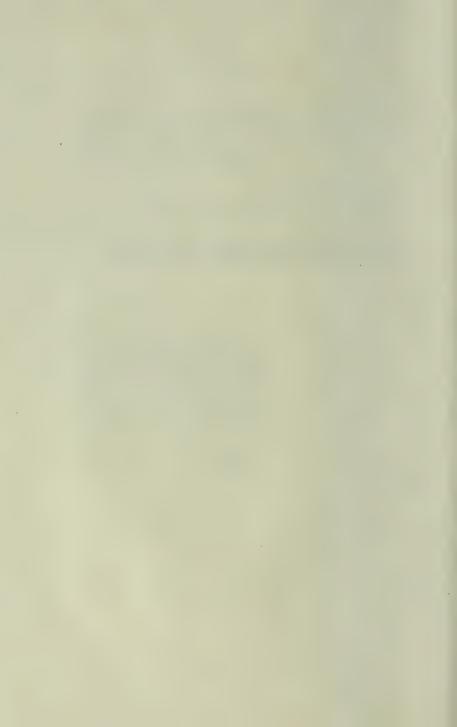
Tal a obra que o Poeta concebeu *longe dos barbaros*, cujos inscientes apupos, — al não é de esperar, — não lograrão desvial'o do seu nobre e altivo desdem de nephelibata.

E, se DEUS TODO PODEROSO lhe der genio e saude, para breve novas colheitas.

— Coimbra, Janeiro de 1891.

A EPIPHANIA DOS LICORNES

E como para se lucrarem as muitas Indulgencias, que são concedidas aos que praticão este Santo Exercicio, he precisa a contemplação dos seus respectivos Mysterios, devem elles estar bem patentes aos olhos da Alma.

Fr. Francisco de Jesus Maria Sarmento.

Kyrie eleison, Christe eleison!
Lua deitada, marinheiro a pé...
Lua deitada, marinheiro a pé...
Kyrie eleison, Christe eleison!

O' toda vestida de lhama, e luciolante de pedrarias,
O' sempre em meio das sororaes polyphonias
Dos burcelins, das nubelias gementes, das violas,
O' sempre insinuante e virginal entre os thuribulos accesos,
Derramadora de eucharisticas esmolas,
Estrella dos Mareantes, das Orphandades e dos Presos,
Consoladora dos que tombam do andaime
Da Illusão, SANTA MARIA, MÃE DE DEUS, auxiliae-me!
A minha Mocidade tem cabellos brancos:

Sou o menino que, uma noite, os Saltimbancos
Roubaram ; sou o Lis á janella d'um palacio em fogo,
E a Noiva lirial n'uma casa de jogo.

Qu'é dos idos explendores dos Soes mortos: noivados profanos em relvas de pastoral, vinhos cascatantes, hombros nymphaes, caravelas auriflammadas buscando chymericas Americas?

Tive puniceo manto que era, no chão, puniceo azeite;
Adaga temperada em Nuremberg,
Em cujo punho uma saphyra, entre opalas de leite,
Era uma tulipa azul em Spitzberg.

Tive falcões e falcoeiros,
E nas de porphyro varandas
De meu castello, arrabileiros
Tocavam, resplendentes de opalandas ;

Tive castello de granito,
Granito roseo de Syena,
Tive taça d'ambar do Egypto,
E colchão d'escolhida penna;
Tive leito de faia (tal Salomão), sob cortinas
D'aureos tissus,
Por cobertas, flexuosas popelinas
E colchas tecidas com fios de luz;
Anões em seda alva de jaspe,
De meu castello no atrio mudo
Sobre as lisonjas de diaspe,
Erguiam caudas que eram rios de velludo;
Balsamyrrhando o manso ar,
Em de cobre babylonicas caçoilas,
Fumegavam resinas do Madagascar,
Do fogo entre as ruivas cenoilas;
N'um celleiro ladrilhado de sardonia
Tive tulhas de pedras raras:
Torquezas do Cairo e da Macedonia,
Diamantes frigidos, sem taras,
Peridotes, obsidianas,
Rubins de Dgiamschid, raiados de sinopla,
Sueiras, esmeraldas de Juba, cymophanas,
Rosicléres de Visapura, jacinthos de Constantinopla.

— Os francezes levaram-
me tudo: a adaga nurem-
bergueza, a taça d'ambar do
Egypto, os rubins de Dgia-
mschid e as torquezas da
Macedonia. Para quando o
armisticio, para quando?

Tive um parque cheio de lagos
E de cegonhas brancas, como lythurgicas pratas,
Povoado de aromas vagos,
De murmurancias de cascatas,
E de figuras de basalto;
Onde, em tanque d'agatha, um hydro
D'onyx vomitava alto
Uma girandola de vidro;
E onde, soberbos como Nuncios,
Com suas caudas d'oiro ardente,
Iam pavões, sob quincuncios
De rhododendros, lentamente, lentamente, lentamente...

Agora o parque é triste,
a cascata callada, os lagos

sêccos: pelas ruas, por vezes, pennas soltas dos pavões, que se foram para outros parques.

Amores venaes, concupiscencias luciferinas:
Ruth, a fermosa bruna, e Basalisa, a loira,
Theodora, a ruiva como as tangerinas,
Mas, sobre todas: Basalisa, a loira...
Oh os seus olhos! suas unhas em amendoa! e em calix
O seu collo! e seus dedos de digitalis!
E quando, n'uma noite de flagrancias,
(Lembrando isto todo o coração me doe!)
Forte enleei, apoz violentas reluctancias,
Suas ancas de Deusa em meus braços de Heroe!

Mordoraram-se as apotheoticas purpuras da Luxuria: depois do Escarlate o Branco. Agora sou casto como um Cenobita.

Senhora dos Afflictos! que d'ora em deante Vos pertençam
Todos os meus instantes, meus cuidados e fervores,
Que Vossas Bentas Mãos, n'um gesto augusto, em benção,
Diaphanas, mimosas, como aprilinas flores,
Se cruzem, brandas, sobre os meus cabellos frios,
E me unjam com os Santos-Oleos do Perdão!
Commetti barbaridades, desvarios,
Fui ambicioso, libidinoso, mau christão...
Mas da Ignorancia a era embolismal fanou-se,
E Vosso Olhar annunciativo, avellutado,
Alpendre dos friorentos, tagante, benefica Fouce,
Em minh'alma segou a herva do Peccado!

E eis-me agora a Vossos Pés, a agradecer os Beneficios preciosc
Do Vosso Amor, Mãe do Amor! dos Tristes, dos Criminosos,
E a pedir-Vos, de joelhos, que apresseis
A Epiphania dos Olhos-Reis,
Dos Olhos-Reis dA que é cheirosa como o nardo,
DA muito amada Esposa, que ora aguardo,
D'Aquella, que hei de beijar sómente com os olhos,
D'aquella, que hei de tocar sómente com a vista,
Companheira de meus jejuns e de meus passeios,
Nos quaes Vos colheremos rosas de toucar e açucenas,

DA Bordadora, que ha de enfeitar com finos entremeios
As toalhas dos Vossos Altares, para as mysticas Novenas!

(Angelus)

CERTA VOZ:

Eu sou bella como as corvetas
E as florestas virgens, á tarde,
E a myrrha, que, nas cassoletas
De Satsumá, unctuosa arde.

Minhas mãos longas, familiares
Das symbolicas lithurgias,
Exorcismam os maus Pezares
E as violaceas Melancholias.

Alma d'oiro de fino som,
Foge do mundo, fria Russia,
E vem dormir sob o edredon
De meus olhares de pellucia.

Vem ouvir os castos dictames
D'esta minha bôca solteira,
Cactus rubro, que tem por estames
Botões de flor de larangeira;

Vem! subamos prestes, depressa,
Á Torre de jaspe da Graça,
Onde mora, — branca Professa, —
A PRECE, toda em alva cassa.

Fujamos do mundo nefando,
Onde os Amores metaphisicos,
Pobres Amores! vão murchando,
Como pallidos noivos thysicos;

D'este mundo perverso e vão
D'estes desertos glaciaes,
Onde a exponsalicia união
De nossos corações leaes,

Sob um ceo de lucto no qual
Agonias, Luctos se amorpham,
Sería tragica, augural
Como o baptisado d'um orphão.

Vem! Que de Esperanças te adornes!
Vamos á ilha dos Licornes!

Subamos ás Illusões gratas
N'um vôo de nephelibatas!

Hossanah! Gloria a Deus nas Alturas, a Deus que deu vista a quem não via. E nunca a Lua me pareceu tão de prata!

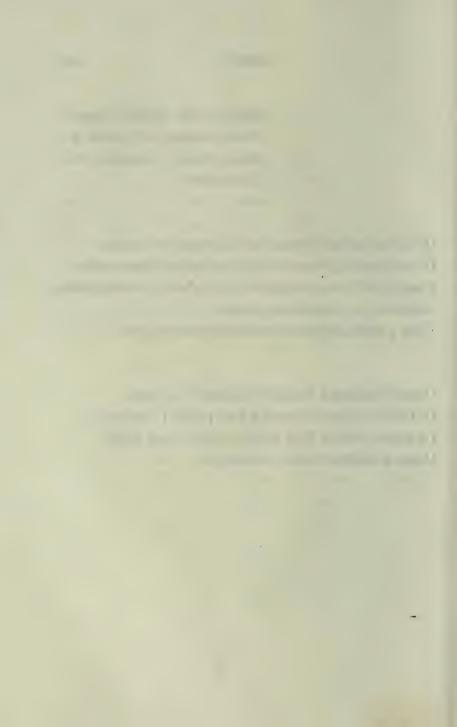
Vejo duas noviças n'um quartel:
No azul epithalamico, entre palmas,
Enlaçam-se em diphtongo as Duas Almas,

Longe do Mundo barbaro e cruel...
Dalmaticadas d'alvo brocatel,
Mitradas d'oiro, vão cruzando, calmas,
Ao som do ascior de resonancias almas,
Seus olhares n'um monogramma fiel.
Da Cidade do Mal augmenta o estrepito
N'uma rubra hemoptysia o Sol decrepito,
Golfeja sangue pelo ceo grisalho...
Thuribulo da Tarde, um lago fuma,
E, na sua assumpção, a Lua é uma
Branca Primeira-Communhão n'um Talho...

Barbaros: uma Voz de setim branco chamou por mim. Todo vestido de linho, vou para a Torre do Conceito Puro. Fui o Fraco e o Negligente e o Diamante de Golconda engastado em zinco: hoje sou o Beato e o Mago. Não tenteis comprehenderme: não me comprehendereis. Fazei clangorar o

olifante das Paixões ruins.
Serei surdo. E' vinda a
hora, muito esperada, do
Livramento.

O' minhas mãos! formae um electuario de aromas,
De espicinardo, de assadulcis, de vetyver e de sarcanthus,
E ungi minh'Alma para que ella surja, clara como os axiomas,
Redolente de aromaticas gommas,
Toda perfumada ante a Rainha de meus cantos...

O meu Coração é timido e medroso! A' porta,
O' Lua! da Torre Branca, ó Lua pallida! conduze-o,
Lá onde a voz da Vida chega esvaida, quasi morta,
Como a canção do mar n'um buzio...

DONA BRIOLANJA

Complicadas decorações de legenda velha mantelando o pudor dos episodios simples.

I

Dona Briolanja vae com suas aias
Sob as côr de mosto vesperaes olaias.

Vae com suas aias, leva fino leque,
Cauda de velludo pallido, de Utrecht.

Leva broche aonde sangra uma espinella;
Pende-lhe da cinta sonora escarcella.

Cantam na escarcella nispias e sequins,
São de lhama os seus rutilos chapins.

Leva anneis de cobre com aventurinas,
Brincos de sueiras, manto de agnelinas.

Dona Briolanja vae com suas aias
Sob as côr de mosto vesperaes olaias.

II

Eis que chega á beira da cascata clara
Cuja agua canta sonora, sem tara.

Eil-a que se assenta, cheia de torpor,
Entre as suas aias postas em redor.

Eis que diz a uma : *Meus chapins descalça-m'os,*
Unge meus pés brancos com cheirosos balsamos.

E diz á segunda : *Vae, corre á cascata,*
Enche de agua viva meu copo de prata.

E diz á terceira: *Dá-me, ó minha aia,*
O meu alvo lenço, leve, de cambraia.

Vem os meus cabellos, prestes, desprendel-os,
Que um doirado pente morda meus cabellos.

E diz para a quarta: *Traze-me o pesado*
Meu annel de nupcias d'oiro martellado.

Uma em cujo dedo brilha verde euclasia
Unge-a com dormentes balsamos da Asia.

Outra á sua bôca virgem, granadina,
Chega argenteo copo d'agua adamantina.

A terceira os bellos, longos seus cabellos,
Põe-se a pentea-los, põe-se a desprende-los.

E a quarta em seu dedo branco e fuselado
Põe o annel pesado d'oiro martellado.

III

O poente é ruivo, ruivo de laranja,
O poente é ruivo... Dona Briolanja,

Olhos no morrente sol congestionado,
Olha o seu futuro, lembra o seu passado.

Lembra os idos tempos, idos n'um momento,
Lembra o refeitorio branco do convento,

Mais as tardes claras do Mez de Maria,
Mais o dormitorio, mais a portaria,

Mais a cêrca onde passeou travêssa,
Mais as doces fallas doces da Abbadessa...

Lembra isto e pensa, coração em gala,
No fiel Eleito, que ha de vir busca-la,

No Leal e Casto, no Immaculado,
Como o leite branco, como o mel doirado,

Cuja Alma pura, pura e consolante,
É uma Primeira linda Commungante,

Cuja Alma pura, plena de perfumes,
É um Lausperenne de fulgentes lumes.

IV

Alvo como as alvas baptismaes cambraias,
Dos astros o pollen polvilha as olaias.

E a Padeira-Noite põe-se a peneirar
Na peneira-Lua a farinha-Luar.

De repente, á beira da cascata clara,
Chega um Cavalleiro de belleza rara.

Traz espada e escudo, escudo e capacete
Com de brancas plumas branco martinete.

Traz guantes de ferro, guantes e gorjal,
Brigandina d'aço, traz lança e punhal.

— Quem é o Ousado, que, por horas mortas,
A transpor se atreve minhas ferreas portas?

Quem sois vós, dizei-o, que vindes assim
Tão ousadamente? que quereis de mim?

Quem sois vós, dizei-o! se é a minha mão
Que pedir me vindes, não vo-la dou, não.

Quero conserva-la pura, como a neve,
Para o meu Esposo, que ha de vir em breve.

Ide-vos embora, meu Querer é Rei,
Ide-vos embora, não vo-la darei...

— Empoz os Invernos os doirados Dias,
Empoz as Esperas as Epiphanias!

Dona Briolanja, flor de meu Cuidado,
Sou o vosso Esposo, sou o vosso Amado.

Venho de bem longe, trago os pés em sangue,
Venho quasi morto, combalido e exangue.

Á vossa procura, dormi aos relentos,
Atravessei rios, prados lamacentos.

Sem desvelos calmos, sem mansos carinhos,
Piquei-me nas urzes duras dos caminhos.

Dae-me que eu descance, sob o luar siderio,
Em vossa Alma, brando, tepido agnisterio!

Sou Leal e Casto, sou Immaculado,
Como o leite branco, como o mel doirado.

Fino grão doirado d'ambar de Sabá,
Meu Amor honesto vos perfumará!

Dona Briolanja ouve attentamente:
Sua linda bôca, toda rescendente,

Abre-se n'um riso sem palavras, mudo,
N'um sorriso mudo todo de velludo.

E com gesto ingenuo dá ao seu Amado
Seu annel de nupcias d'oiro martellado.

V

Os sinos despertam montanhas e valles,
Os musicos tangem trompas e atabales.

A Capella é toda, toda illuminada,
Toda atapetada, toda perfumada.

Ciriaes de prata luzem sobre o Altar,
Thuribulos d'oiro dançam pelo ar.

No ar lento fumam gommas aromaticas,
Brilham as navetas, brilham as dalmaticas,

Brilham os lyncurios bellos do ciborio,
E no de brocado fôfo faldistorio,

De brocado caro, que o lustre salitra,
Está o velho Bispo de baculo e mitra,

Todo de alvas rendas, todo de vermelhos,
Com o gremial posto nos joelhos.

Eis que alfim lá surge, gracilmente esbelta,
Cabellos em domo, fresca bôca em delta,

Orelhas em concha, busto albirosado,
Dona Briolanja com seu Noivo ao lado.

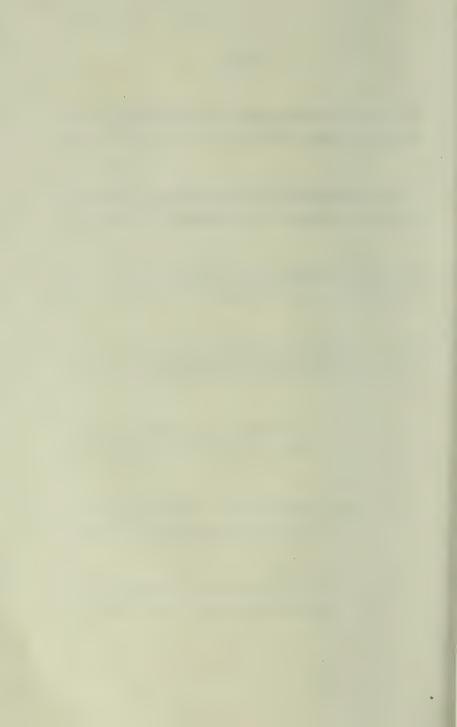
Vae de branco e pura como as brancas palas,
Fragil véo de rendas, peitoral de opalas.

Toda, toda branca, toda em seda branca,
Sua cauda é lacteo tanque que se estanca.

Vae ajoelhar-se o branco par noival
N'um de rica lhama rico sitial.

Gemem os psalserios, gemem as violas,
Brilham as casúlas, brilham as estolas.

Ciriaes de prata luzem sobre o Altar
Thuribulos d'oiro dançam pelo ar,

E o Bispo, arrastando sua rubra capa,
Lança aos dois Esposos a bençâo do Papa.

LONGE DOS BARBAROS

Fœda est in coitu et brevis voluptas
Et tædet Veneris statim peractæ.

PETRONIUS.

I

A POMBA DA ARCA

Fim das Discordias, das Querelas.
Entram no porto claro as esperadas caravelas!

O Arco-Iris fulgurou depois dos Luctos do Diluvio,
O Hospital abandonado foi mudado em alva Creche...
O Hospital abandonado está mudado em alva Cheche,
O Arco-Iris fulgurou depois dos Luctos do Diluvio.

Com ramos verdes d'oliveira,
Que a minh'alma branca de leite,
Com ramos verdes d'oliveira,
Que a minh'alma branca se enfeite
Com ramos verdes d'oliveira.

Fôra um reinado mau de Ignorancia e Peccado.
Mas sobre o meu ferido peito, Deus louvado!
Brilhava ainda a prateada, a medalhinha benta,
Que ao meu pescoço dedos maternaes haviam posto,
Antes da hora da Tormenta,
Antes da hora do Desgosto.
E o Filho-Prodigo voltou arrependido,
E o tresmalhado, o cordeiro perdido,
Voltou para o redil, depois de andar pelas charnecas aridas;
E as viridas cantharidas
Cessaram de voar sobre a valeriana,
E onde o rubim sangrava branquejou a cymophana,
E depois da Toirada houve Mez de Maria...
E est'alma que era, n'este mundo sem abrigo,
Como noite nupcial em leito d'enfermaria,
Como um casamento na capella d'um jazigo,
Est'alma viu surgir por fim a sua Gemea, a sua Eleita,
Sob um pallio de luz, a amena Flor perfeita,
Labios abertos n'um sorriso annunciativo,
Todo catholico, de amor, e nada erotico,
E doce e pura, como um Seraphim que um Primitivo
Illuminasse n'um Evangeliario gothico!

Graças Te dou, ó Mãe de Deus! ó Clemente!
Que pisaste com Teus Pés brancos a Serpente.
Graças Te dou e Te peço, ó Torre de Marfim,
Que protejas a minha Esposa e que me protejas a mim,
E a communhão das nossas almas geminadas,
E o commercio de nossas vontades parallelas;
E, agradecidos, do Teu Altar nas toalhas bordadas
Rosas esfolharemos e accenderemos velas.

E o nosso amor será todo honesto e sem beijos!
Será um jubileu de candidos Desejos,
Amor cheio de paz eucharistica,
Amor de Poeta doido, amor de Infanta mystica,
Amor sereno, amor sem paroxismos,
Amor levado até aos mais leaes byzantinismos.

E numa casa longe dos que mentem, dos Maus,
Onde não chegue a voz do irreligioso cahos,
Longe dos Herejes, dos Perversos,
Lerei a Biblia, e cantarei, em doces versos,

Tua divina formosura, teus encantos,
Os teus milagres e os milagres dos Santos;
E Ella, com suas mãos ogivaes,
Bordará crucesignatos corporaes.

II

A CISTERNA FIEL

As horas vesperaes, em musicaes theorias,
Tranças floridas com aromaticas hervas,
Rindo com bôcas que eram harpas e pionias,
Vinham chegando, lentamente as lindas Servas,
As horas vesperaes, em musicaes theorias.

Ás horas vesperaes, entre o nevoeiro lacteo,
Vinham chegando em gracil rythmo lento e nobre;
E, a sorrir e a cantar, na cisterna do pateo,
Enchiam gracilmente, as amphoras de cobre,
Ás horas vesperaes, entre o nevoeiro lacteo.

Para que enchiam suas amphoras as Servas?
Assim que as amphoras esguias eram cheias,
Logo as despejavam e enchiam e, entre as hervas,
A agua da cisterna ia formando cheias...
Para que enchiam suas amphoras as Servas?

De mil constellações á luz discreta e flava,
Musselinas de nevoa erravam pelas aleas...
Riam as Servas e cantavam... e soava
No marmore do chão o coiro das sandalias...
De mil constellações á luz discreta e flava.

Doce, branca e fiel Rainha das Amadas,
Que affagaste com mãos d'arminho a minha Magua,
O marmore do chão é gasto das passadas,
Mas a cisterna tem ainda muita agua,
Doce, branca e fiel Rainha das Amadas!

III

VASO D'ELEIÇÃO

O' Senhora d'olhos castanhos,
O' Ciborio da minha ideia,
O' divina estação de banhos
Onde a minh'alma veraneia,

Lá do fundo do meu Destêrro,
Do meu miasmatico paul,
Baile branco depois d'um entêrro,
Ouvi a tua voz azul.

Ouvi tua voz crystallina
Como um vinho astral de labrusca,
E, á luz da lua de platina,
Parti logo, vim logo em busca

Do teu amor, sonhada Meca
Redolente de frangipana,
Amor que do mal que me obseca
E' guarita, alpendre e ottomana.

Foragido d'um mundo falso,
Onde estive em aspero exilio,
Todo cheio de pó, descalço,
Venho pedir o teu auxilio.

Meu peito debil e doente,
E minhas magoas, purifique-as
O teu olhar, candil ardente,
Lucescente como as Reliquias.

Esta minha melancholia,
O' Senhora nubil ! dilue-a
Na crepuscular calmaria
De teus olhos, branca Alleluia.

Sê, ó Lis feudal mal aberto,
O' alma e fina Alma terna,
A cisterna do meu deserto,
E a estrella azul d'esta cisterna.

E sê a cerca do hospital,
A cerca amiga, a cerca immensa,
Toda virida e vesperal
Para a minha convalescença.

Dá-me força no Soffrimento,
Meus doridos males abrangel-os,
Que a tua voz, cheiroso unguento,
Da minha tarde seja o Angelus !

Que o teu algente busto d'Ostia
Se encoste branco nos meus hombros,
Que essa lactea brancura d'Ostia
Me revista como um Véo d'hombros.

Sê o vetyver e a escallonia,
O sisymbro, o nardo, o cyclamen,
E aromatisa-me *per omnia*
Sœcula sœculorum. Amen.

IV

PELAS LANDES, Á NOITE

Pelas landes e pelas dunas
Andam os magros como pregos,
Os lobos magros como pregos,
Pelas landes e pelas dunas.

Olhos de phosphoro, esfaimados,
N'uma pavorosa alcateia,
Andam, andam buscando ceia,
Olhos de phosphoro, esfaimados.

Nas landes grandes, juncto ás dunas,
Um menino perdido anda,
Anda perdido, a chorar anda,
Nas landes, junto ás brunas dunas.

Senhor Deus de Misericordia,
Protegei o roseo menino,
Protegei o roseo menino,
Senhor Deus de Misericordia,

Porque nas landes e nas dunas
Andam os magros como pregos,
Os lobos magros como pregos,
Nas grandes landes e nas dunas.

V

UM CACTO NO PÓLO

Julguei que se tinha levantado um obelisco mystico no meio da praça; e que o obelisco dava uma sombra azul; e que tinham accendido um fogão no quarto humido; e que tinham dado alta ao doente.

Julguei que nascia o sol á meia noite; e que uma bôca muda me falava; e que esfolhavam lirios sobre o meu peito; e que havia uma novena ao pé do Jardim d'Acclimação.

Uma bôca muda me falou; mas o obelisco, de tenue que era, não deu sombra; e o fogão não aqueceu o quarto humido; e o doente teve uma recahida.

E o clown entrou, folião, na Egreja; e fez jogos malabares com os Ciborios e os Thuribulos; e tornou a nevar; e, apoz os brandos etesios, soprou o mistral forte.

E na alcova branca entrou a Dama expulsa, cujo corpo é d'ambar e cera e todo rescendente d'um matrimonio aromal de myrrha e valeriana, a Dama dos flexuosos e vertiginosos dedos rosados.

E seus cabellos de czarina eram claros como a estopa e finos como as teias d'aranha; e seu ventre alvo, de esteril, era todo azul, todo azul de tatuagens.

E a Educanda fugiu do Recolhimento; e com a Dama expulsa passei a noite em branco; e a noite foi toda escarlate.

E no dia seguinte, em vez dos sacros livros, que de ordinario me deleitam, li Schopenhauer, e achei Arthur Schopenhauer setecentas vezes superior a todos os Doutores da Egreja.

VI

QUANDO A MORTE VIER

Quando a Morte vier,
Será por uma madrugada pallida ...
Quando a Morte vier,
Quero que estejas junto de mim, medrosa e pallida,
Quando a Morte vier ...
E serão bem commovidos nossos adeuses,
Quando a Morte vier,
E hei de dizer adeus aos teus olhos doridos como adeuses,
Quando a Morte vier;
E deitarão serradura de madeira á porta,
Quando a Morte vier,
Por causa dos carros que passarem á porta,

Quando a Morte vier;
E tu irás buscar as colchas de Damasco,
Quando a Morte vier,
E deitarás sobre o meu leito as rubras colchas de Damasco,
Quando a Morte vier;
E os sinos graves hão de chamar á Extrema-Uncção,
Quando a Morte vier,
E o Padre ha de vir dar-me a Extrema-Uncção,
Quando a Morte vier;
E o povo nas escadas cantará o *Bemdito,*
Quando a Morte vier,
E has de estremecer ao ouvir o *Bemdito,*
Quando a Morte vier;
E a lamparina será branca ao pé dos frascos dos remedios,
Quando a Morte vier;
E o enfermeiro deixará de me affligir com mais remedios,
Quando a Morte vier;
E a minh'alma será toda confusa, ó meu Deus!
Quando a Morte vier,
Por se ver prestes a subir á morada de Deus,
Quando a Morte vier;
E o relogio da sala de jantar ha de dar horas,
Quando a Morte vier,
E então estarão contadas minhas horas,

Quando a Morte vier ;
E a minha cabeça descahirá no travesseiro,
Quando a Morte vier,
E tu ageitarás minha cabeça no travesseiro,
Quando a Morte vier,
E, vendo baços e parados os meus olhos,
Quando a Morte vier,
Compadecida, cerrarás meus baços olhos,
Quando a Morte vier ;
Duas Irmãs de Caridade hão de velar junto ao meu leito,
Quando a Morte vier,
E não te afastarás um só minuto do meu leito,
Quando a Morte vier ;
E como ha de ser preciso um caixão para o meu cadaver,
Quando a Morte vier,
Um homem de negro virá medir o meu cadaver,
Quando a Morte vier ;
E vestirão o meu quarto de trabalho todo de lucto,
Quando a Morte vier ;
E os creados andarão de preto e tu de pesado lucto,
Quando a Morte vier ;
E fecharão as portas das janellas,
Quando a Morte vier,
E a luz mal poderá entrar p'las fisgas das janellas,

Quando a Morte vier;
E teus olhos andarão, pobres olhos! todos pisados,
Quando a Morte vier,
E de quando em quando hão de humedecer-se teus olhos pisa
Quando a Morte vier;
E por toda a casa será um cheiro d'alfazema e phenol,
Quando a Morte vier,
E ha de perturbar a tua pobre cabeça o cheiro do phenol,
Quando a Morte vier;
E toda a gente andará nos bicos dos pés,
Quando a Morte vier,
E será bem singular ver toda a gente nos bicos dos pés,
Quando a Morte vier;
E, sem corda, o relogio deixará de dar horas,
Quando a Morte vier;
E, decorridas vinte e quatro horas,
Quando a Morte vier,
Chegarão os Padres, em sobrepeliz, e o Prior,
Quando a Morte vier,
E será de velludo preto a estola do Prior,
Quando a Morte vier;
E tu que me tens visto tanta vez,
Quando a Morte vier,
Has de querer ver-me ainda outra vez,

Quando a Morte vier;
E, enchugando as tuas lagrimas com o teu lenço,
Quando a Morte vier,
Cubrirás meu rosto de marfim velho com teu lenço,
Quando a Morte vier;
E depois hão de levar-me para a Egreja,
Quando a Morte vier,
E começarão os officios na Egreja,
Quando a Morte vier;
E apoz hão de levar-me ao cemiterio,
Quando a Morte vier;
E, para ver o enterro do Poeta, o povo innundará o cemiterio,
Quando a Morte vier;
E depois hão de abrir meu pesado caixão,
Quando a Morte vier,
E hão de encher de cal o meu caixão,
Quando a Morte vier;
E n'essa noite não dormirás um segundo,
Quando a Morte vier,
E ha de parecer-te um seculo cada segundo,
Quando a Morte vier;
E, por minha alma, mandarás dizer trezentas missas,
Quando a Morte vier,
E, não mais sahirás a não ser para as missas,

Quando a Morte vier,
E ninguem tornará a ver teus mansos olhos,
Quando a Morte vier,
E nunca mais haverá alegria nos teus olhos.

VII

BALLADA

Um hospicio de velhas alienadas,
Sem cêrca, sem Irmãs, sem enfermeiras;
Mortas de fome, as pobres desvairadas
Eram tão brancas como as travesseiras;
As jarras sobre o altar ermas de flores,
Ia já longe a ultima novena,
Crescia a herva pelos corredores...
Mas TU vieste sororal e amena.

Ninguem tratava as velhas doidas presas...
Uma planeava rutilas viagens;
Outra, doida por luxos e riquezas,
Julgava ter castello, manto e pagens;
Outra phantasiava sensuaes
Requintes de luxuria; e a mais serena
Sonhava amores fieis, espirituaes...
Mas TU vieste sororal e amena.

Um incendio auroral como um poente
O hospicio destruiu em furia flava,
E das velhinhas escapou somente
A que em amores só leaes pensava.
Mas em seu corpo quanta queimadella!
Queimados os cabellos, dava pena
Vel-a em meio das ruinas, pobre d'ella!
Mas TU vieste sororal e amena.

OFFERTA

Princeza, a ti meus versos! Se, alva e esguia,
Não affrontasses, branca, as de verbena
Chammas, a pobre louca morreria...
Mas TU vieste sororal e amena.

VIII

EPILOGO

Não perpetuemos a Dor, sejamos castos,
Sejamos castos, d'uma castidade maga,
Tu como Ignez, a santa de cabellos bastos,
Eu como o puro e honesto São Luiz Gonzaga.

A Pureza convém ás almas como as nossas,
As mucosas só tentam as almas vulgares;
Rosacea mystica o sorrir com que me adoças
Seja! e argenteo Pax-tecum sejam teus olhares.

Não são tuas gracilidades de pucella
Que me prendem. Do Archanjo o resplendente gladio
Decapitou a Luxuria que fere e gela :
O que eu adoro é teu coração de vanadio.

Em tempos mortos folheei velhos infolios
De Callepedia, infolios velhos, bem chymericos ;
Porém da Continencia os puros Santos-Oleos
Ungiram-me, e, nos leaes planaltos esotericos,

Onde meu coração catholico e monarchico
Ora vive distante dos perversos trilhos,
Sempre distante das Paixões do mundo anarchico,
Peço a Deus Poderoso que nos não dê filhos.

Nossa vida de reclusos brancos alinde-a
O Lis : a Volupia condemnavel alague-a
Dos Licornes o olhar ! E que nunca da India
Tenhamos de mandar vir a PEDRA DA AGUIA.

Será lamentavel não ver toda florida
De risos filiaes a palmeira do amor;
Porem tu sabes, Casa d'Oiro! o que é a vida,
Sejamos castos, não perpetuemos a Dor.

Lascivas seducções, nunca mais me tenteis,
Vós que outr'ora do corpo meu rainhas ereis!
Virgo fidelis, que haja em teus Sorrisos-Reis
O perenne frescor do Riso das Estereis!

1890-1891.

LAUS DEO.

INDICE

ACABOU DE SE IMPRIMIR
ESTE LIVRO AOS DOZE DIAS
DO MEZ DE NOVEMBRO DE
MIL NOVECENTOS E DOZE
NA TYPOGRAPHIA DO EDITOR
FRANÇA AMADO, SITA Á
RUA DE FERREIRA BORGES
NA CIDADE DE COIMBRA.